



## Análise Geopoética do Álbum “Salve o São Francisco” de Geraldo Azevedo e Parceiros: Reflexões sobre o rio São Francisco

Jeovane da Silveira Fidelis Querino<sup>1\*</sup>, Caio Augusto Amorim Maciel<sup>2\*\*</sup>

<sup>1</sup>*Graduando em Licenciatura em Geografia, Petiano no grupo PET Conexões dos Saberes Encontros Sociais, Departamento de Ciências Geográficas (DCG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. (\*Autor correspondente: jeovanedasilveira@gmail.com)*

<sup>2</sup>*Graduado em Agronomia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1989), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1993), Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), com Doutorado-sanduíche na França (Université de Pau et des Pays de l'Adour), Professor Associado I da Universidade Federal de Pernambuco, integrando o Programa de Pós-Graduação em Geografia. Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECGeo), Departamento de Ciências Geográficas (DCG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. (\*\*Professor Orientador)*

*Histórico do Artigo:* Artigo submetido e revisado pelo VI Encontro de Desenvolvimento e Meio Ambiente – EDMA, sendo aceito e indicado para publicação em: 20/08/2018

### RESUMO

Este trabalho tem o intuito de visibilizar a Geopoética e a Musicalidade, intrínsecas nas identidades hidroterritoriais e topofilias contidas nas músicas de Geraldo Azevedo e seus parceiros, a partir do álbum “Salve o São Francisco”, de 2011. Consequentemente, será utilizado o método fenomenológico-hermenêutico na análise geográfica e interpretativa das músicas, apontado o sentido de lugar e das identidades hidroterritoriais contidas nas letras das canções, para posteriormente apontar a relação destas com o rio São Francisco e os lugares que o formam em sua diversidade, a partir das músicas. Serão apontados, também, uma série de Geossímbolos contidos nas músicas e sua relação com a Racionalidade Ambiental e Geopoética. Assim, a importância deste artigo repousa em conhecer as relações de poder simbólico, os discursos, as corporeidades e afetividades em relação ao rio São Francisco, colaborando com a campanha de preservação ambiental deste rio, tão admirado pelos ribeirinhos e por este repertório musical e geopoético.

**Palavras-Chaves:** Geopoética, Geraldo Azevedo, Rio São Francisco.

## Geopoetic Analysis of the Album "Salve o São Francisco" of Geraldo Azevedo and Partners: Reflections about the São Francisco River

### ABSTRACT

This work intends to make visible the Geopoetic and Musicality, intrinsic in the hydroterritorial identities and topofilias contained in the songs of Geraldo Azevedo and his partners, from the album "Salve o São Francisco", 2011. Consequently, the phenomenological-hermeneutic method will be used in the geographic and interpretative analysis of the songs, pointing out the sense of place and the hydroterritorial identities contained in the lyrics of the songs, later to indicate the relation of these with the river São Francisco and the places that form it in their diversity, from the songs. It will also be pointed out a series of Geosymbols contained in the songs and their relation with Environmental Rationality and Geopoetic. Thus, the importance of this article rests on knowing the relationships of symbolic power, discourses, corporeities and affectivities in relation to the São Francisco River, collaborating with the environmental preservation campaign of this river, so admired by the riverside and this musical and geopoetic repertoire.

**Keywords:** Geopoetic, Geraldo Azevedo, São Francisco River.

## 1. Introdução

Este trabalho procura estudar o rio São Francisco a partir da identidade hidroterritorial (HAESBAERT, 1999; QUERINO, 2017) e da toponímia (TUAN, 1980, 1983), revelando o caráter interdisciplinar e de emergência dos conceitos geográficos de Lugar e Território. Busca, assim, entender a emergência de estudos geopoéticos (BOUVET, 2012) sobre essas categorias geográficas, colaborando para a construção de uma Geografia que privilegie as demarcações territoriais simbólicas das pessoas. Especificamente, serão focalizados os laços afetivos e ecológicos que as pessoas tecem com o rio em questão.

Sendo assim, este artigo analisará as músicas, que se assemelham a poemas, feitas pelo cantor Geraldo Azevedo e seus parceiros, como Djavan, Alceu Valença e dentre outros cantores que colaboraram no seu disco “Salve São Francisco” (2011). Desta forma, buscar-se-á destacar os sentimentos simbólicos do hidroterritório são franciscano e os laços afetivos do lugar, que os cantores possuem com o rio, bem como o compromisso destes com as pautas ecológicas, semelhantes à dos movimentos sociais e Igreja Católica, na defesa do “velho Chico” e da convivência com o semiárido (QUERINO, 2017).

Por conseguinte, com uma breve revisão de literatura sobre a problemática do rio São Francisco e a sua relação poética as músicas de Geraldo Azevedo, será apontado o caráter intersubjetivo desta pesquisa, incluindo as corporeidades despertadas nas letras das canções, estas, inseridas no contexto de preocupação ambiental com o rio São Francisco, da criação do monumento natural, da provável Patrimonialização do rio (IPHAN, 2017; ALMG, 2017) e de campanhas em defesa do rio feita por alguns ribeirinhos (SILVA, 2017; QUERINO, 2017; CICLO VIVO, 2018).

## 2. Material e Métodos

Será adotado o método fenomenológico-hermenêutico (SPOSITO, 2004) na análise dos poemas, que também são músicas, do álbum Salve São Francisco (AZEVEDO *et al*, 2011), de forma a analisar e perceber os jogos de linguagem (LYOTARD, 1993) intrínsecos, coadunando para uma análise interpretativa, destacando a construção simbólica do hidroterritório e da afetividade do lugar rio São Francisco (HAESBAERT, 1999; TUAN, 1980), suas corporeidades (MERLEAU-PONTY, 1999), características intersubjetivas na construção identitária e a questão ambiental contida nas músicas, que colaboram para a patrimonialização do rio São Francisco.

Desta forma, baseado nas concepções de Geopoética do Habitar (BOUVET, 2012) e a Geograficidade na relação Homem e Terra (DARDEL, 2011), será analisado como se dá essa habitação poética no espaço encontrada nas músicas, destacando dois conceitos, Território e Lugar (HAESBAERT, 1999; TUAN, 1983).

Além disso, destacar-se-á as formas geossimbólicas (BONNEMAISON, 2002) que se tornam visíveis através desta hermenêutica ambiental (LEFF, 2016), que para além da hermenêutica de discursos se revela:

“A partir dos limites do mundo coisificado, da racionalização do Ser e da aceleração da entropização do mundo, renasce a vida nos imaginários sociais da sustentabilidade: no reencontro entre o Real e o Simbólico, entre natureza e cultura, na territorialização de novos mundos de vida se abre a racionalidade ambiental pelo diálogo de saberes” (LEFF, 2016, p. 359)

Desta forma, a partir das letras das músicas tentará viabilizar o rio São Francisco, no sentido de garantir a articulação entre natureza e cultura, que, conforme se verá nas músicas, interpela a questão ambiental de forma geossimbólica e transversal às músicas, chegando a compreender os discursos sobre uma parcela dos mundos de vida, que serão mostrados de forma dialogada, compreendendo a racionalidade ambiental intrínseca a análise fenomenológica e hermenêutica das letras, conforme se verá mais à frente.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1. Características do Álbum “Salve o São Francisco”

Figuras 1 e 2: Imagens da Capa e Contracapa do CD Salve o São Francisco



O CD Salve o São Francisco (ver figuras 1 e 2) foi lançado no ano de 2011, tendo sido indicado ao Grammy Latino: Melhor Álbum de Música Regional ou de Raízes Brasileiras (AZEVEDO *et al*, 2011). A gravação vem com o intuito de tornar visível um projeto de anos do cantor Geraldo Azevedo e sua relação íntima com o rio São Francisco, sua vida e história nas margens do rio, conforme o trecho abaixo, que é fala do artista na descrição do disco:

“O grande Oasis do sertão pro Brasil: É esse Rio São Francisco. Onde ele passa, realmente, ele deixa um rastro de verde, uma coisa fantástica. O rio representa a vida de uma parte muito grande do Brasil” (AZEVEDO *et al*, 2011).

Assim, de forma Geopoética, Geraldo Azevedo e outros artistas se expressam artisticamente em músicas, onde é percebido uma certa topofilia, destacando o laço afetivo, com o rio e uma construção de uma identidade territorial, pois reclama seu reconhecimento e a ideia de pertencimento ao rio São Francisco, que como Rogério Haesbaert afirma, é uma identidade que é individual e coletiva ao mesmo tempo, tendo em vista, que a relação íntima que as pessoas e o cantor Geraldo Azevedo são entrelaçadas ao rio São Francisco, com os movimentos sociais que possuem identidades hidroterritoriais semelhantes, conforme apontado em trabalho recente (QUERINO, 2017).

#### 3.2. Relação geopoética e autopoética com o rio São Francisco

As músicas do álbum em questão foram analisadas, de forma que, tornou-se compreensível a construção da identidade hidroterritorial e da topofilia que as pessoas estabelecem com o rio São Francisco, de modo que, há uma relação geopoética (BOUVET, 2012), linguística, social, individual, topofílica (TUAN, 1980), territorial (HAESBAERT, 1999) e autopoética (MATURANA, 2001).

Assim, tendo em vista a autocriação que a linguagem estabelece na sua cognição foi possível a compreensão do conhecimento auto organizado e construído pelos compositores, que estabelecem uma autopoiese geográfica (MOREIRA NETO, 2014) – que definindo é: “como fato na existência e expressão na experiência da relação homem-meio”, “acoplando essas várias realidades em um vai-e-vem existencial, gerando lugar no movimento desse pulsar” (MOREIRA NETO, 2014) – colocando em questão as identidades hidroterritoriais e a topofilia.

### *3.3. Análise das Questões Geossimbólicas, o Sentido de Lugar e a Racionalidade Ambiental no Álbum “Salve o São Francisco”*

Conforme já apontado, a construção do rio São Francisco se realiza neste trabalho na análise dos sentidos sensíveis, que se captam fenomenologicamente, neste lugar e hidroterritório, pois é de suma importância destacar, antes da análise minuciosa das letras das músicas do referido Álbum, como os geossímbolos são importantes na análise deste hidroterritório são franciscano.

Geossímbolo é definido como “um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade.” (BONNEMAISON, 2002, p.109), e por isso, assume uma importância muito grande nas letras das músicas de Geraldo Azevedo e parceiros, por conta de colocar em parta as identidades hidroterritoriais, assumida no itinerário musical que percorre o rio São Francisco.

Colocando em pauta as questões geossimbólicas do rio São Francisco despertadas nas músicas de Geraldo Azevedo e parceiros, propõe-se a estudar as topofílias despertadas nas músicas, integradas a dimensão de lugar destaca por Doreen Massey (2000), de lugar como encontro de pessoas e de outros lugares, destacando que o rio São Francisco é a conjunção das pessoas que o amam, visitam e dos lugares nas suas margens e além de suas margens, como se verá nas análises nas músicas do Álbum.

Buscar-se-á conciliar as visões ditas românticas de lugar com as visões que tem lugar como espaço da diferença e diversidade cultural, no sentido de problematizar a questão ambiental do rio São Francisco que é retratada nas músicas, colocando em pauta, como essas letras musicais retratam que: “O ‘Ser perante a morte entrópica do planeta’ apela a formas culturalmente diferenciadas de construção de mundos de vida a partir de diferentes imaginários de sustentabilidade da existência humana” (LEFF, 2016, p. 309).

Desta maneira, destacar-se-á as formas de construção culturais que se dar a partir das letras musicais de Geraldo Azevedo sobre o hidroterritório são franciscano e as ameaças a sua sustentabilidade ambiental descritas em alguns versos musicais, que viabilizam as lutas simbólicas (BOURDIEU, 2001), que constrói discursivamente as lutas ecológicas pela “vida” do rio São Francisco, coadunando para uma Racionalidade Ambiental (LEFF, 2016) sobre o rio São Francisco.

### *3.4. Análise das letras musicais do Álbum “Salve o São Francisco”*

Barcarola do São Francisco  
*Geraldo Azevedo e Carlos Fernando (Ed. Geração)*

É a Luz do Sol que Encandeia  
Sereia de Além Mar  
Clara Como Clarão Do Dia  
Marejou Meu Olhar  
Olho D`Água Beira De Rio  
Vento Vela a Bailar  
Barcarola Do São Francisco  
Me Leve Para Amar  
Era Um Domingo De Lua  
Quando Deixei Jatobá

Era Quem Sabe Esperança  
Indo A Outro Lugar  
Barcarola Do São Francisco  
Veleja Agora No Mar  
Sem Leme, Mapa Ou Tesouro  
De Prata O Luar

Eu, Em Sonho, Um Beija Flor  
Rasgando Tardes  
Vou Buscar  
Em Outro Céu  
Noite Longe  
Que Ficou Em Mim

Na primeira faixa aparece a palavra “Barcarola”, que quer dizer ser uma poema construído em homenagem a um rio ou mar, desta forma esta primeira música do CD, revela sua poética e rima, destacando, “Olho D`Água Beira De Rio, Vento Vela A Bailar, Barcarola Do São Francisco, Me Leve Para Amar”, o que revela todo o sentido da música, que consiste na revelação deste amor que o próprio Geraldo Azevedo possui com o rio e um sentido de lugar (OLIVEIRA, 2012) e de pertencimento, mesmo com a navegação sobre o rio ao mar, como no trecho “Veleja Agora No Mar”.

Santo Rio  
*Geraldo Azevedo e Carlos Fernando (Ed. Geração)*

A Cidade Fica Mais Bonita  
Quando A Chuva Molha  
Quando A Chuva Cai  
No Dorso Do Rio São Francisco  
No Romper Da Aurora  
Em Todo Seu Trajeto  
Em Linhas Tortas  
Direção Ao Mar  
Petrolina Linda (2x)  
Pedra Severina  
Flor Da Matutina  
Eu Também Quero Navegar  
Nas Águas Do Santo Rio  
Quero Relaxar  
No Ventre Da Natureza Viva  
Como Se Fosse Um Feto  
Na Barriga Universal  
Petrolina Linda (2x)  
Pedra Severina  
Flor Da Matutina  
Eu Também Quero Navegar

Na segunda faixa, além de revelar o laço afetivo e a ideia de lugar sobre o rio São Francisco, como no trecho “Nas Águas Do Santo Rio, Quero Relaxar, No Ventre Da Natureza Viva, Como Se Fosse Um Feto, Na

Barriga Universal”, revela esse sentimento de aconchego e o sentido de Lugar (OLIVEIRA, 2012), bem como a relação simbólica que o rio adquire, de forma se tornar sinônimo de manifestação da “mãe natureza”, revelando que a identidade é hidroterritorial, relacional, dialógica e reflexiva com o rio (HAESBAERT, 1999).

Ainda nessa faixa, o Sentido de Lugar na música aparece apontando cidades que margeiam o rio São Francisco como no trecho “A Cidade Fica Mais Bonita” “Petrolina Linda”, de modo que a relação poética que se estabelece afetivamente com o rio, que ultrapassa o rio e vai até as cidades das margens, de modo que as cidades de Petrolina não seria a mesma sem o rio São Francisco, afetivamente.

Águas Daquele Rio  
*Geraldo Amaral (Ed. Geração)*

As Ilhas Daquele Rio  
Hoje Aqui Eu Vou Cantar  
As Águas Daquele Rio  
De Margens Tão Largas  
Nossa Terra Vem Molhar  
Desce Das Serras De Minas  
Faz Meu Sertão Verdejar  
Passando Livre, É Bonito  
Barcarola Velejar  
Reflete Lindas Estrelas  
Em Noites Claras De Luar  
A Força Da Correnteza  
Já Bateu No Meio Do Mar  
Muito Peixe, Muita Vida  
Pras Águas Daquele Rio  
Hoje Aqui Vou Desejar  
Vou Querer Além Do Mais  
Que As Margens Tenham De Novo  
Suas Matas Originais

Na terceira faixa, de forma geopoética, o Geraldo Azevedo torna visível as ilhas do rio, apontando o rio como esperança do sertão seco, revelando a vida e ecologia do rio São Francisco, como se estivesse descrevendo um passeio visualizando a paisagem para quem navega o rio, como alguns versos se pode ver: “Desce Das Serras De Minas, Barcarola Velejar, A Força Da Correnteza, Já Bateu No Meio Do Mar”.

São Francisco São  
*Geraldo Azevedo, Clovis Nunes E Geraldo Amaral (Ed. Geração)*

Eu Quero o São Francisco São  
Correndo Inteiro  
Em sua Plena Correnteza  
Rio Santo dos Passarinhos  
Com toda sua Grandeza  
Eu Quero o São Francisco São  
Em Harmonia  
Suas Águas Cristalinas

Navegando as Barcarolas  
Rio Abaixo Rio Acima  
Eu Quero o São Francisco São  
Como o Santo da Paz  
Que Tudo Irmana em suas Águas  
E Não Segrega Jamais  
Eu Quero Beber  
Quero Nadar  
Quero Fluir na Correnteza  
Quero Sorrir  
Quero Cantar  
E ver Florir a Natureza

Na quarta faixa ainda é revelada a preocupação ecológica do artista com a preservação ambiental do rio São Francisco, de forma que estabelece uma ligação do nome do rio com o Santo da Igreja Católica, São Francisco de Assis, cujo o nome homenageia o rio, bem como o mesmo é Padroeiro da Ecologia, revelando assim, que essa música é de modo geopoética e geoestrategicamente construída na defesa ecológica do rio São Francisco e de identidades hidroterritoriais (QUERINO, 2017).

Há, então, uma dimensão de poder simbólico (BOURDIEU, 2001) do Território e sua defesa socioambiental, e também através do que Bourdieu denomina de Habitus (esquemas de percepção e apreciação) (BOURDIEU, 2001), que, exemplificando, é uma ação política contra aqueles, os quais, degradam o rio São Francisco, tratando como recurso, demonstrado no seguinte trecho, que se repete na música em tom reivindicatório: “Eu Quero o São Francisco São”.

Opara (Salve São Francisco)  
*Geraldo Azevedo/ Clovis Nunes (Ed. Geração)*

Opara, Rio Mar,  
Opara, Rio Mar,  
Opara  
Sejam As Águas De Francisco Mais  
Sejam As Águas De Francisco Mais  
É O Sangue Que Corre  
No Corpo Da Terra  
E A Terra Quer Paz  
Água Doce Essencial  
Que Sacia Seus Filhos  
Divino Fluido Vital  
Salve São Francisco  
Salve Esse Brilho  
Salve São Francisco  
Salve Este Teu Rio  
Que O Nosso Olhar  
Nunca O Veja Vazio  
E Na Paz De Suas Águas  
De Suave Beleza  
Possamos Contemplar  
Sua Imensa Grandeza

Contemplar Sua Natureza  
Rio Mar, Opara  
Rio Mar, Opara

Na quinta faixa, geopoeticamente, está presente uma certa corporeidade (MERLEAU-PONTY, 1999) como no trecho: “É O Sangue Que Corre, No Corpo Da Terra, E A Terra Quer Paz”, o que torna visível que o rio se torna um corpo humano ou até uma extensão do mesmo, mas, isso revela o sentido de lugar e corpo, sua relação de pertencimento, caracterizando por ser uma figura de linguagem que é a Personificação, dar qualidade humana à natureza.

“Opara” é uma expressão conhecida pelos ribeirinhos do rio São Francisco, que significa “rio mar”, nome dado por alguns indígenas que viviam no rio São Francisco, dando este nome pela sua conexão com o mar na foz (AVENTURAS, 2018). Este nome remonta a trama geossimbólica contada por alguns ribeirinhos que afirmam a origem do rio está relacionada as lágrimas da indígena Iati (CBHSF, 2018).

Francisco Francisco  
*Roberto Mendes E Capinam (Ed. Nowa/ Ed. Universal Music / Ed. Direto)*

O Menino E O Velho Chico Viagens  
Mergulham Em Meus Olhos  
Barrancos Carrancas Paisagens  
Francisco Francisco  
Tantas Águas Corridas  
Lágrimas Escorridas  
Despedidas Saudades  
Francisco Meu Santo  
A Velha Canoa  
Gaiola São Pássaros  
Flutuantes Imagens  
Deságuam Os Instantes  
O Vento E A Vela  
Me Levam Distante  
Adeus Velho Chico  
Diz O Povo Nas Margens  
Adeus Velho Chico  
Diz O Povo Nas Margens

Na sexta faixa, destaca-se uma descrição de geopoética do que há no rio São Francisco, destacando-se o verso “Barrancos Carrancas Paisagens”, sendo as Carrancas, os Geossímbolos mais retratados nesta faixa, identificando o sentimento de lugar, como, “Despedidas Saudades”, destaca, intrinsecamente, a preocupação ecológica que a população ribeirinha tem para com o São Francisco, conforme os dois últimos versos, “Adeus Velho Chico Diz O Povo Nas Margens”.

Riacho Do Navio  
*Luíz Gonzaga / Zé Dantas (Ed. Universal Music)*



Riacho Do Navio  
Corre Pro Pajeú  
O Rio Pajeú Vai Despejar  
No São Francisco  
O Rio São Francisco  
Vai Bater No Meio Do Mar  
O Rio São Francisco  
Vai Bater No Meio Do Mar

Ah! Se Eu Fosse Um Peixe  
Ao Contrário Do Rio  
Nadava Contra As Águas  
E Nesse Desafio  
Saía Lá Do Mar Pro  
Riacho Do Navio  
Saía Lá Do Mar Pro  
Riacho Do Navio  
Eu Ia Direitinho Pro Riacho Do Navio  
Pra Ver O Meu Brejinho  
Fazer Umas Caçadas  
Ver As "Pegá" De Boi  
Andar Nas Vaquejada  
Dormir Ao Som Do Chocalho  
E Acordar Com A Passarada  
Sem Rádio E Nem Notícia  
Das Terra Civilizada  
Sem Rádio E Nem Notícia  
Das Terra Civilizada.

Na sétima faixa, de autoria de Luiz Gonzaga e regravada por Geraldo Azevedo, apresenta como se dar o caminho das águas do rio Pajeú e São Francisco, conforme, a primeira estrofe, além disso se destaca esse laço afetivo que é contido na música, no sentido de sempre querer retornar através do rio São Francisco para o Riacho do Navio, como nos nove primeiros versos da segunda estrofe.

Carranca Que Chora  
*Geraldo Azevedo E Capinan (Ed. Geração/ Direto)*

Carranca Que Chora  
Velho Rio Que Mora  
No Meu Coração  
Navega Gaiola  
Vai Presa E Navega  
A Minha Paixão

Uma Canoa Vai  
Velho Rio Se Esvai  
Sem Água E Sem Vela  
Navega A Minha Solidão

O Batuque Das Águas, Ai Ai  
É O Batuque Das Mágoas  
Num Leito Vazio  
Batuque Das Almas  
Nas Noites De Frio  
E O Batuque Deságua  
No Meu Coração  
E Vem Lua Cheia  
Queimando Na Noite De Verão  
As Saudades Do Velho Chico  
No Seu Leito Vazio  
Deita A Minha Solidão  
No Clarão Da Lua  
A Paisagem Nua  
São As Margens Vazias  
Da Minha Paixão

Na oitava faixa do CD, há a menção as carrancas, que são parte do patrimônio artístico do rio São Francisco (ALMG, 2017), elas servem de proteção para alguns pescadores e canoieiros do rio São Francisco, revelando assim, um elemento que é típico do rio São Francisco, que se trona identificativo deste lugar, que é apontado como companheiro até na solidão do eu lírico em noites de lua cheia, como no trecho: “Velho Rio Se Esvai, Sem Água E Sem Vela, Navega A Minha Solidão”, que se interpreta que a música é um apelo contra a degradação ambiental no rio, com a expressão “Carranca Que Chora”.

Petrolina E Juazeiro  
*Geraldo Azevedo E Moraes Moreira (Ed. Geração/Ed. Warner Chappell)*

De Todo Lado É Bonito  
São Dois Estados De Espírito  
No Meio Fico E Não Nego  
Navego No Velho Chico  
De Todo Lado É Bonito  
São Dois Estados De Espírito  
No Meio Fico E Não Nego  
Navego No Velho Chico  
Meu Barco É Meu Coração  
Que Vai Sem Mágoa  
Nas Asas Dessa Paixão  
Até O Cais  
Beira De Rio Pernambuco Bahia  
Todo Vapor Marinheiro  
Pode Trazer Meu Amor Juazeiro  
Bela Menina  
Pode Trazer Meu Amor Petrolina  
E Juazeiro

Na nona faixa, os versos estão montados, de forma que, parece que estamos passando no meio das duas cidades, Petrolina e Juazeiro, destacando-se os trechos “dois estados de espírito”, que dão os sentidos dos

lugares da margem e do rio São Francisco, ressaltando o sentimento topofílico (TUAN, 1980) e uma corporeidade, como nos seguintes trechos: “Navego No Velho Chico” e “Meu Barco É Meu Coração, Que Vai Sem Mágoa, Nas Asas Dessa Paixão, Até O Cais”.

O Ciúme

*Caetano Veloso (Ed. Warner Chappell)*

Dorme O Sol À Flor Do Chico, Meio-Dia  
Tudo Esbarra Embriagado De Seu Lume  
Dorme Ponte, Pernambuco, Rio, Bahia  
Só Vigia Um Ponto Negro: O Meu Ciúme  
O Ciúme Lançou Sua Flecha Preta  
E Acertou No Meio Exato Da Garganta  
Quem Nem Alegre Nem Triste Nem Poeta  
Entre Petrolina E Juazeiro Canta  
Velho Chico Vens De Minas  
De Onde O Oculto Do Mistério Se Escondeu  
Sei Que O Levas Todo Em Ti, Não Me Ensinas  
E Eu Sou Só, Eu Só, Eu Só, Eu  
Juazeiro, Nem Te Lembras Dessa Tarde  
Petrolina, Nem Chegaste A Perceber  
Mas, Na Voz Que Canta Tudo Ainda Arde  
Tudo É Perda, Tudo Quer Buscar, Cadê  
Tanta Gente Canta, Tanta Gente Cala  
Tantas Almas Esticadas No Curtume  
Sobre Toda Estrada, Sobre Toda Sala  
Paira, Monstruosa, A Sombra Do Ciúme

Na décima faixa, destaca-se o sentimento de integração dos dois estados através da ponte sobre o rio São Francisco, como no trecho, “Dorme Ponte, Pernambuco, Rio, Bahia”, mas o que mais se destaca é o sentimento de “ciúme” que, na letra da música, de modo geopoético, destaca-se o eu-lírico, que tem ciúme da beleza do rio São Francisco, e, por isso, este o admira como um “vigia” do rio São Francisco.

Além disso, é feita uma descrição de como é essa “Sombra Do Ciúme” é obscura, que “Acertou No Meio Exato Da Garganta”, mas é um sentimento de amor que o eu-lírico possui com o rio, que é referido “Na Voz Que Canta Tudo Ainda Arde”, numa relação de corporeidade dos lugares, Petrolina, Juazeiro e “Velho Chico”, numa personificação em que os próprios lugares e o eu-lírico possuem ciúmes um dos outros, num sentimento afetivo e amoroso que o eu-lírico possui com Petrolina, Juazeiro e o Rio São Francisco.

Saudade Do Vapor

*Vavá Cunha (Ed. Geração)*

Hoje Não Existem Mais Aquelas Viagens  
Que A Gente Fazia Muito Tempo Atrás  
Pendurado Em Um Vapor Olhando As Paisagens  
Esperando A Tarde Pra Ver O Sol Se Por

Me Lembro De Você Que Viajava  
Indo De Férias Para O Interior  
Rever Alguns Parentes E Amigos  
E Tudo Aquilo Que Por Lá Ficou  
Em Cada Porto Uma Multidão  
Em Cada Rosto A Expressão De Tristeza E De Alegria  
Muitos Sorrindo Quando Alguém Chegava  
Outros Chorando Quando Alguém Partia  
Chegando Em Juazeiro  
Apertava O Coração  
Quando Apito Anunciava  
O Final Da Excursão  
E Agente Voltava Pra Casa  
Trazendo No Peito  
A Saudade De Alguém  
Entre Beijos, Sorrisos E Abraços  
Despedia Dizendo: Até O Ano Que Vem  
Nunca Mais Nos Encontramos  
Tudo Aquilo Acabou  
Só Ficou Saudade  
Não Existe Mais Vapor

Na décima-primeira faixa, é revelada a saudade que o cantor Geraldo Azevedo sente de Juazeiro, que é uma cidade ribeirinha do rio São Francisco, revelando a ideia de pertencimento e de forma como a lembrança daquele lugar, denominado Juazeiro é revelada a topofilia que Geraldo possui com o lugar, mas ao mesmo tempo é “Expressão De Tristeza E De Alegria”, pois a música continua denunciando a degradação ambiental no rio ao longo dos anos, conforme o trecho: “Nunca Mais Nos Encontramos, Tudo Aquilo Acabou, Só Ficou Saudade, Não Existe Mais Vapor”, o que revela que apesar da degradação, ainda é possível ter um laço afetivo com o lugar rio São Francisco.

São Francisco Help  
*Geraldo Azevedo E Luiz Galvão (Ed. Geração/Ed. Direto)*

São Francisco  
Que Deu Que Dá  
São Francisco  
Até Quando Dará  
São Francisco  
Que Deu De Beber  
Pra Tantos Bebês  
E Dará  
Desce O Rio Lá Da Serra  
As Águas Sonham Com O Mar  
Aonde Reinava Peixe  
E Navegava Navio  
O Que Há  
É Esgoto E Veneno

Sujeira Jogada No Rio  
Saudades De Som De Pássaros  
Quedas D`Água , Cachoeiras  
Árvores, Garças `A Beira  
E Balsas A Deslizar  
Maria Já Não Me Abraça  
As Nuvens De Chuva Agora  
É Olho Que Apenas Chora  
Fumaça No Ar Que Arde  
Com Assoreamento Nas Margens  
Paisagem De Fim De Tarde  
São Francisco, Meu Amigo  
Na Corrente Do Destino  
O Teu Saldo É Positivo  
Pois Molha Uva, Manga E Melão  
Salve O São Francisco  
Que Salva Toda A Plantação  
Salve O São Francisco  
Que Não Merecem O Que Jogam Em Meu Rio  
Salve O São Francisco  
É Represa, É Desvio  
Salve O São Francisco  
Rio Da Integração  
Salve O São Francisco  
Quer Amor, A Morte Não  
São Francisco Help, Help  
São Francisco Help, Help

Na décima-segunda faixa, a música foi gravada com todos os cantores que participaram do CD, sendo a última faixa do CD, revelando, como nas outras músicas a preocupação ecológica mais uma vez dos cantores com o rio São Francisco, apontando a degradação ambiental, a topofilia em relação ao rio São Francisco, uma ecologia cultural, que passa a ser política, na construção através do real, simbólico e imaginário (LEFF, 2016), culminando em relações de poder simbólico (BOURDIEU, 2001) relacionadas ao rio São Francisco e a sua defesa.

A Racionalidade Ambiental é bastante visível nos versos desta música, despertando-nos para um outro São Francisco possível, impulsionando a campanha ambiental para com o rio de forma a destacar as atividades que o margeiam, como fonte de vida para os ribeirinhos, apontado a ameaça que sofre, mas também apontando que o rio precisa ser valorizado, pois gera de vida.

Assim, com as identidades hidroterritoriais simbólicas do rio e numa defesa ecológica do mesmo, temos a expressão “o Salve” e o “help” (em inglês quer dizer ajuda, socorro), que, na música se mantém com dois significados, destacando a questão do saudar o rio, bem como o apelo dos cantores e sua luta por reconhecimento (HONNETH, 2003) do rio na dimensão afetiva, dos direitos dos ribeirinhos e da natureza, mas também contra a degradação do rio São Francisco.

#### **4. Considerações finais**

Este trabalho veio com o intuito de tornar visível as identidades hidroterritoriais das águas do rio São Francisco e a topofilia com os lugares ribeirinhos e como próprio lugar, que é lócus de toda essa produção científica, o rio São Francisco. Este é onde se deposita toda afetividade, identidade e simbolismo que é

compreensível, de forma geopoética, hermenêutica, fenomenológica e geossimbólica, por meio deste trabalho interpretativo das músicas de Geraldo Azevedo, numa visão poética deste espaço (BACHELARD, 2003).

Desta forma, pode-se compreender neste trabalho, o rio São Francisco e as identidades culturais ao redor deste, mostrando, o quão importante é a sua preservação ambiental, bem como a sua patrimonialização. Sendo assim, as pautas de luta por reconhecimento nas músicas assinaladas acima, aliam-se aos clamores dos ribeirinhos, que lutam pela convivência com o semiárido e o rio São Francisco, numa dimensão material e simbólica (GONÇALVES, 2009; QUERINO, 2017).

Portanto, as músicas de Geraldo Azevedo e seus parceiros nos auxiliam na compreensão de outros mundos possíveis, estes mundos que estão imersos no contexto do hidroterritório são franciscano, visibilizando os saberes de ribeirinhos, como as carrancas, os barcos a vapor e as barcarolas, tornando visível para conosco, a afetividade com este ambiente, o Rio São Francisco e suas margens, viabilizando, assim, a Racionalidade Ambiental em relação ao rio.

## 5. Agradecimentos

Agradeço a Geraldo Azevedo e seus parceiros no CD, ao Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECGeo), a Caio Augusto Amorim Maciel, meu professor e orientador, e a todos que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho.

## 6. Referências

ALMG. **Obras de Referência: Rio São Francisco - Patrimônio Cultural E Natural**. In: <[https://www.almg.gov.br/consulte/publicacoes\\_assembleia/obras\\_referencia/arquivos/sao\\_francisco.html](https://www.almg.gov.br/consulte/publicacoes_assembleia/obras_referencia/arquivos/sao_francisco.html)>. Acesso por último em: 15/12/2017.

AVENTURAS, **Sentido Obrigatório. Conheça a história do nome do Rio São Francisco**. Disponível em: <<http://sentidoaventuras.com.br/rio-sao-francisco/>>. Acesso por último em: 25/08/2018.

AZEVEDO, Geraldo et al. **Salve São Francisco**. Gravadora: Biscoito Fino, c 2011. 1 CD.

AZEVEDO, Geraldo. **Salve São Francisco**. Disponível em: <<http://geraldoazevedo.com.br/musicas/salve-sao-francisco/>>. Acesso por último em: 17/12/2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BONNEMAISON, Jöel. **Viagem em Torno do Território**. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeni (Org.). Geografia Cultural: um século. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. P. 83-131.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In: BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16.

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? **Revista Interfaces Brasil/Canadá**. V. 12, N. 1, 2012. p. 09-14.

CICLO VIVO. **População ribeirinha se une para salvar afluentes do rio São Francisco**. Disponível em: <<http://ciclovivo.com.br/planeta/meio->

ambiente/populacao\_ribeirinha\_se\_une\_para\_salvar\_afluentas\_do\_rio\_sao\_francisco/>. Acesso por último em: 11/04/2018.

CBHSF. **A lenda de Iati**. Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/2017/a-lenda-de-iati/>>. Acesso por último em: 25/08/2018.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

GONÇALVES, Claudio Ubiratan. Questão Agrária e Ribeirinhos do Rio São Francisco. In: IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2009, Niterói. **Anais** (Simpósio Nacional de Geografia Agrária...Simpósio Internacional de Geografia Agrária. CD-Rom). Niterói: Uff/Uerj ffp, 2009. v. 1. p. 30-43.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 169-190.

HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

IPHAN. **Patrimônio do Rio São Francisco é tema de seminário no Norte de Minas Gerais**. In: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/642/patrimonio-do-rio-sao-francisco-e-tema-de-seminario-no-norte-de-minas-gerais>>. Acesso por último em: 15/12/2017.

LEFF, Enrique. **A Aposta pela Vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul**. Tradução: João Batista Kreuch, Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MASSEY, Doreen. **O sentido global de lugar**. In: ARANTES, Antonio. O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000.

MATURANA R., Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção**. [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA NETO, Henrique Fernandes. Aproximações da Autopoiese com a Geografia Humanista. **Revista Geograficidade**, v.01, n.01 - inverno 2011. p. 87-93.

OLIVEIRA, Livia de. **O Sentido de lugar**. In HOLZER, W., MARANDOLA JR. E., OLIVEIRA, L. de. (orgs) Qual o Espaço do Lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia. – São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3 – 16.

QUERINO, Jeovane. **Conflitos Hidroterritoriais das Águas do Rio São Francisco em Cabrobó-PE**. In:

NÓBREGA, Ranyére Silva et. al (Orgs.). Reflexões sobre o semiárido: obra do encontro do pensamento geográfico [livro eletrônico] – 1.Ed. – Ananindeua: Itacaiúnas, 2017. p. 378-386.

SILVA, Ana Carolina Aguerri Borges da. **As águas rio, rio São Francisco: disputas, conflitos e representações do mundo rural**. Campinas, SP: Orientador: Sonia Maria Pessoa Pereira Bergamasco. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas., 2017.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

TORRES, Avani Terezinha. **Hidroterritórios (novos territórios da água): os instrumentos de gestão dos recursos hídricos e seus impactos nos arranjos territoriais**. 121f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.